

## **NOMES PARA O ÓRGÃO SEXUAL FEMININO À LUZ DO COGNITIVISMO: GÊNERO, TABU E PRECONCEITO**

*Patrícia Oliveira de Freitas* (UERJ)

[freitasp.letras@gmail.com](mailto:freitasp.letras@gmail.com)

*Sandra Pereira Bernardo* (UERJ)

[sanpbernardo@gmail.com](mailto:sanpbernardo@gmail.com)

### **RESUMO**

Em pesquisa realizada para mestrado (FREITAS, 2017), observaram-se os processos cognitivos que subjazem à construção de sentidos de piadas com emprego de nomes populares dados à vulva e ao pênis. Os dados, analisados fundamentalmente sob a ótica da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), demonstraram depreciação nos nomes dados à vulva em oposição aos nomes dados a pênis. Apesar do efeito cômico na conceptualização de narrativas jocosas, verificou-se que o acionamento do conhecimento convencionalizado dos falantes relativo a determinadas partes do corpo perpassa pelo âmbito do tabu linguístico (ULLMANN, 1966; GUÉRIOS, 1979). Nesse sentido, existem formas de contornar a restrição vocabular, utilizando-se de comparações que se pautam, predominantemente, em relações vitais de REPRESENTAÇÃO e de ANALOGIA (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Além disso, constatou-se que, para contornar a restrição vocabular moralmente estabelecida, são ativadas metáforas conceptuais gerais dos tipos PESSOA É OBJETO, (PARTE DO) CORPO HUMANO É OBJETO, PESSOA É ANIMAL, (PARTE DO) CORPO HUMANO É ANIMAL e (PARTE DO CORPO DA) PESSOA É PLANTA, que estruturam metáforas conceptuais mais específicas, tais como PÊNIS É OBJETO ERETO E RIJO, PÊNIS É OBJETO CILÍNDRICO E RETO, PÊNIS É AVE, VULVA É OBJETO CURVO, VULVA É MATAGAL, VULVA É ANIMAL (FÉTIDO) e VULVA É RECEPTÁCULO DO PÊNIS. Dando continuidade a essa pesquisa, pretende-se observar a conceptualização dos nomes para a vulva sob a perspectiva feminista da construção de gênero, levando-se em consideração os valores culturais e experienciais subjacentes a essas metáforas do pensamento e, consequentemente, a tais designações de valor depreciativo.

#### **Palavras-chave:**

**Tabuísmo. Integração conceptual. Metáfora conceptual.  
Órgãos sexuais. Vulva e pênis.**

### **1. Introdução**

Em pesquisa empreendida para mestrado (FREITAS, 2017), observaram-se os processos cognitivos que subjazem à construção de significação de piadas com emprego de nomes populares para vulva e pênis. A motivação para o referido estudo sucedeu de listas disponíveis na internet que demonstram habilidade inventiva na atribuição de nomes aos re-

feridos órgãos. Nessa pesquisa, partiu-se do princípio de que existem restrições de cunho moral que impedem a circulação verbal da terminologia anatômica dos órgãos sexuais no meio social, uma vez que determinadas partes do corpo integram os tabu sociais e, conseqüentemente, as restrições linguísticas.

Nesse sentido, defende-se que a integração conceptual (ou mesclagem) é o processo pelo qual os diversos domínios cognitivos são acionados de modo a viabilizar o enfrentamento de tabus pelo uso do léxico. Isso ocorre tanto na criação de eufemismos para contornar o significado quanto na conseqüente aceitação social de vocábulos/objetos tabuizados. Além disso, quando acionado o *frame* relativo a ÓRGÃOS SEXUAIS, alguns desses processos cognitivos tendem a se repetir de forma reiterada, como, por exemplo, a ativação das relações vitais de REPRESENTAÇÃO e ANALOGIA (FAUCONNIER; TURNER, 2002), presentes nos dados analisados, os quais justificam as designações metonímico-metafóricas, aventadas como formas de se evitar a palavra tabuizada.

Asmetáforas conceptuais gerais dos tipos PESSOA É OBJETO, (PARTE DO) CORPO HUMANO É OBJETO, PESSOA É ANIMAL, (PARTE DO) CORPO HUMANO É ANIMAL e (PARTE DO CORPO DA) PESSOA É PLANTA se mostram recorrentes nesse contexto de nomenclatura popular a órgãos sexuais. Essas metáforas estruturam metáforas conceptuais mais específicas motivadas por aspectos socioculturais, tais como PÊNIS É OBJETO ERETO E RIJO, PÊNIS É OBJETO CILÍNDRICO E RETO, PÊNIS É AVE, VULVA É OBJETO CURVO, VULVA É ANIMAL (FÉTIDO), VULVA É MATAGAL e VULVA É RECEPTÁCULO DO PÊNIS.

Dessa forma, conjectura-se que os falantes de língua portuguesa, os quais adotam uma perspectiva hegemônica de gênero em caráter predominantemente patriarcal, minimizam e contornam os aspectos linguísticos tabuizados em relação a nomes para órgão sexuais. Isso ocorre por meio de nomes não anatômicos que despertam a risibilidade dos indivíduos. Entretanto, assim o fazem ratificando a proeminência da figura masculina, especialmente do órgão sexual masculino, tendo em vista que tais conceitos/objetos/nomes são minimizados pela supremacia de ordem social, em que a figura masculina é proeminente.

Isto é, embora suavize o ônus provocado pela visão preconceituosa em relação à condição feminina, o reafirma de maneira insólita. É o caso, por exemplo, da nomenclatura que tipifica a vulva como um recipiente/extensão do pênis, expressa em metáforas linguísticas como “aboca-

nha-carvalho, abridor de carvalho, abrigo-do-meu-pau, baba-benga, baba-deira do carvalho, baba-pau, buraco de avestruz (esconde a cabeça), buraco de cobra, buraco de mandioca”, dentre outros.

## 2. *Linguística Cognitiva*

A utilização do arcabouço teórico proposto pela Linguística Cognitiva (LC) para respaldar a pesquisa justifica-se por se tratar de uma abordagem de análise das línguas naturais que considera a linguagem como um instrumento de organização, processamento e transmissão de informação (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 3), em que as bases experiencial e conceptual das categorias linguísticas assumem lugar de primazia nas investigações. Dessa forma, destitui-se a noção de que estruturas formais da linguagem atuam de forma autônoma e institui-se a ideia basilar de que a linguagem reflete uma organização conceptual geral a partir de influências experienciais e ambientais. Para os linguistas adeptos da LC, cognição e experiência estão integradas, de modo a relacionar o conhecimento a uma cognição constitutivamente corporificada. Em outras palavras, a cognição passa a ser vista como situada, dependente de uma cultura e de um corpo que interage com o meio físico e socio-culturalmente situado.

É nesse sentido que a relação existente entre o sistema cognitivo, a linguagem e a cultura dizem respeito, de certa forma, ao significado, tanto no processo de construção quanto na comunicação. Um ponto de partida para o entrecruzamento dos conceitos supracitados, como salienta Kövecses (2006, p.3), é que o “significado, em suas diferentes facetas, é um aspecto crucial da mente, da linguagem e da cultura”. A Linguística Cognitiva, portanto, é um aparato teórico que lida com a construção do significado numa perspectiva linguística, social e cultural.

Geeraerts (2006) apresenta quatro características essenciais para o entendimento do significado linguístico, sendo elas:

1. O significado linguístico é perspectivado, isto é, depende do ponto de vista, do conhecimento de mundo e aspectos culturais compartilhados pelos falantes;
2. O significado linguístico é dinâmico e flexível. Portanto, não se trata de uma estrutura mais ou menos rígida ou estabilizada, uma vez que o significado de uma palavra muda, dependendo do contexto em que está inserida.

3. O significado linguístico é enciclopédico e não autônomo à medida que abrange todos os domínios do saber e prestigia o uso da linguagem como conhecimento da própria linguagem.
4. O significado linguístico é baseado no uso e na experiência. Consequentemente, exclui-se a possibilidade da análise do significado linguístico fora de um contexto discursivo e social.

É comum associar a LC à forma de um arquipélago, em vez de uma ilha, isto é, mais do que uma teoria isolada, como costumavam ser as teorias em linguística, a abordagem se trata de um conjunto de teorias interligadas por pontos em comum. Destarte, sem considerá-la como uma teoria uma que reverbera as pesquisas de um determinado grupo, a LC passa a ser vista como uma “empreitada”, no sentido de ser um trabalho integralmente ajustado, com princípios norteadores e compromissos centrais nos quais as teorias se apoiam, como é o caso das Teorias da Metáfora Conceptual e da Integração Conceptual (ou mesclagem).

### 3. *Questões de gênero e feminismo: interfaces com a Linguística Cognitiva*

Traçando um movimento oposto ao que, historicamente, a literatura classifica como gênero – visto como uma diferença individual variável a qual é estudada por meio de causas biológicas e ambientais –, o postulado aqui defendido, em consonância com a proposta feminista, “marca uma tentativa de avançar das biologizações, que enfatizam as diferenças e lugares sociais pelos aspectos físicos de macho e fêmea” (SANTOS, 2008, p. 55). Isto é, aprofunda reflexões em torno das representações sociais de “homem” e “mulher” ao expor uma distribuição desigual de poder.

Apesar do direcionamento social no qual o conceito de gênero se fundamenta, não há nenhuma tentativa de negar os aspectos biológicos, uma vez que o gênero se constitui em um corpo sexuado. Porém, enfatizam-se, ostensivamente, como as características biológicas são construídas histórica e socialmente, observando-se que a prática social tem esses corpos como alvo. Assim, fundamentar-se na produção acadêmica e política do movimento feminista é refletir sobre a assimetria nas relações de gênero, utilizando-se de uma agenda de discussões sobre a conceptualização das sobreposições de poder às quais a figura feminina se subordina.

Nesse sentido, convém pontuar que a perspectiva feminista não é uma proposta una, isto é, em vez de refletir uma teoria unificada, ou um processo analítico consensual, ela reverbera filiações teóricas múltiplas da assimetria no tratamento de gênero. Porém, em qualquer perspectiva analítica há focos em comum que consubstanciam os diferentes olhares e respaldam uma concepção geral do movimento, aqui relacionados com o ponto de vista basilar da Linguística Cognitiva.

Miller e Sholnick (2000) apontam três desses pontos de convergência, que incidem na visão geral do movimento: primeiro, advoga-se que, assim como qualquer fenômeno, humanos mantêm relações mútuas, e não completamente particulares, uma vez que os indivíduos estão inseridos em práticas sociais. Dessa forma, há uma pauta centrada nas relações que se estabelecem entre os seres, subtraindo as dicotomias tradicionais culturalmente herdadas. Pares opositivos como *razão/imaginação*, *mente/corpo*, *interioridade/exterioridade*, estão, de alguma forma, intrincadas. Isto é, “cada termo influencia e coocorre com seu oposto presumido” (MILLER; SHOLNICK, 2000, p. 5), o que permite afirmar que o mundo psicossocial não deve ser conceptualizado como algo meramente dicotômico.

Em termos linguísticos, o panorama teórico da Linguística Cognitiva mantém uma concepção vertical e holística, de modo que se possa ver o todo, rejeitando, assim, qualquer abordagem que represente aspectos de modularidade da mente humana. Em sua pauta, tem-se o compromisso teórico de inclinação à caracterização de princípios gerais que operem em todos os aspectos da linguagem, apontando um *compromisso de generalização*. Assim, os vários aspectos do conhecimento linguístico são investigados a partir de um conjunto comum de habilidades cognitivas, a partir das quais as análises são feitas.

Segundo, o conhecimento e as experiências humanas são situadas e particulares, em vez de serem descontextualizadas e universais. A epistemologia feminista indaga quem fala, por que fala, para quem fala e em qual circunstância fala. Em outras palavras, advoga-se que um ponto de vista não surge “do nada”, mas das experiências relacionadas ao sujeito, incluindo-se seu gênero, etnia, sexualidade, cultura, classe social, círculo familiar etc. Nesse prisma, não é possível falar em objetividade, homogeneidade e universalidade, pois até mesmo o conhecimento científico está imbricado em um contexto pessoal e cultural que conduz o investigador a fins específicos – tais como o desenvolvimento econômico, dominância política, expansão industrial etc. Dessa forma, categorias úni-

cas, homogêneas e universais inexistem (MILLER; SHOLNICK, 2000, p. 5).

Considerando esses fatores, postula-se que o movimento no espaço por parte dos indivíduos, com base em seu aparato sensório-motor situado socioculturalmente, é o fator crucial no processo de construção do significado. O interesse da LC, nesse sentido, é o de pleitear a construção do significado alicerçada na interação existente entre a natureza física do corpo humano e o meio circundante, dicotomizados no projeto filosófico cartesiano-formalista. Seguindo um caminho reverso, o movimento rompe com esse dualismo entre mente e corpo, unindo-os, não dissociando uma entidade da outra. Assim, a construção do significado está alinhada ao tipo específico de constituição física encarnada pelos seres e às experiências corpóreas a que esses seres se submetem.

Terceiro, há o predomínio do androcentrismo institucionalizado o qual reverbera uma estrutura de poder, de dominação e de interesse próprio que caracteriza a sociedade. Estudos feministas tendem a observar as relações sociais que subjazem ao favorecimento proeminente da efígie masculina. Entre outras esferas coletivas, homens costumam controlar a economia e a política, além de determinar formas de pensar, falar e conduzir a ciência. Os valores masculinos são considerados a norma, o parâmetro e a veracidade, enquanto os demais conceitos são caracterizados como o outro ponto de vista, o alternativo, a diversidade (MILLER; SHOLNICK, 2000, p. 6).

No panorama teórico da LC, verdade e significado deixam de ser vistos como intrinsecamente relacionados. Em vez disso, advoga-se a existência de um sistema conceptual humano (grosso modo, a mente humana) formado por uma estrutura conceptual (sistema cognitivo que representa e organiza os conceitos) de natureza experiencial, que é situada, imaginativa e metafórica. O foco da investigação se concentra na natureza do conhecimento humano (e como o conhecimento é representado na mente), e em como as formas linguísticas se relacionam com a estrutura conceptual, isto é, com a organização dos conceitos. Não se trata de uma relação direta entre a sentença e aquilo o que ela expressa como verdade. No alcance que se tem do real, o pensamento e o significado emergem da interação entre aparato sensório-motor e meio físico e socioculturalmente situado.

#### **4. Metáforas Conceptuais e Integração Conceptual (ou Mesclagem)**

Para além de um mero desvio da linguagem ordinária, metáforas conceptuais são uma forma de raciocínio, que pode ser exemplificado pelo conceito de DISCUSSÃO, estruturado por termos de GUERRA, constantes em uma diversidade de expressões cotidianas. O entendimento de tais conceitos exprime a interseção de dois domínios da experiência, um de natureza concreta (GUERRA), o qual é chamado de domínio-fonte, e outro de natureza abstrata (DISCUSSÃO), denominado domínio-alvo. Dessa confluência, constitui-se a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, partindo do domínio concreto para o abstrato, subjacente a metáforas linguísticas como “Ele *defendeu* argumentos muito bons” ou “Os *adversários* debateram as propostas”, em que se fala sobre discussão utilizando-se de definições de guerra.

A principal motivação para o advento dessa vertente cognitiva da metáfora diz respeito a quais tipos de generalizações viabilizam as expressões metafóricas. A ideia sustentada na visão tradicional tende a não se sustentar frente a esse tipo de indagação, uma vez que os princípios que governam as expressões metafóricas não estão na linguagem, mas no pensamento.

Aspectos culturais envolvidos em metáforas são vistos nos trabalhos de Kövecses (2005, 2006, 2010), para quem as metáforas apresentam uma aceção mais ou menos normatizada, quando alocadas em um *continuum* ou uma escala de convencionalidade. Algumas delas são amplamente entrincheiradas e passam a ser conhecidas e utilizadas constantemente no discurso de uma comunidade (KÖVECSES, 2010, p. 324). A esse respeito, cita-se a metáfora conceptual PÊNIS É OBJETO ERETO E RIJO, em que OBJETO ERETO E RIJO (domínio-fonte) estrutura as metáforas cotidianas que remetem ao PÊNIS (domínio-alvo), tais como “baguete, bengala, bengala, berimbau, cano, espada, lenha, mastro, pau, terceira-perna, vara, viga etc.”, observados nas listas que impulsionaram o estudo inicial.

Em relação à vulva, observa-se que as identidades integradas do aspecto denso e de grande extensão de uma floresta, em analogia aos pelos pubianos da vulva, respaldam a metáfora conceptual VULVA É MATA-GAL. Além disso, a metáfora pode ser considerada uma especificação da metáfora mais geral (CORPO DA) PESSOA É PLANTA, cujos domínios se mostram recorrentes na literatura sobre metáforas conceptuais. Isto é, as experiências com formato de plantas fundamentam muitas das metáforas linguísticas que designam a vulva, sendo algumas dessas nomeações “flo-

resta das cobras, floresta negra, buraco no meio da floresta, planta carnívora, mato, Mato Grosso do Sul, África (mata-fechada), caixara (no sentido de mata espessa onde o caçador se embosca), gruta da mata funda” entre outras.

Já a Teoria da Integração Conceptual (ou Mesclagem), engendrada inicialmente nos programas de pesquisa de Fauconnier e Turner (2002), surge como uma extensão das teorias da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994). Diferencia-se dessas postulações ao prever que a construção de significado envolve um complexo processo de “integração entre estruturas, originando algo maior do que a soma das duas partes” (EVANS; GREEN, 2006, p. 421), além de inserir em seu arcabouço teórico um refinamento conceitual próprio.

É o caso, por exemplo, da frase “O cirurgião é um açougueiro” (EVANS; GREEN, 2006), de base metafórica e imaginativa, em que a avaliação negativa ao médico não aparece na interseção dominial. A teoria da Metáfora Conceptual, portanto, deixa uma brecha teórica ao não abordar a nova informação que emerge da interação entre domínios.

Tabela 1 – Mapeamentos para O CIRURGIÃO É UM AÇOUGUEIRO

Fonte: AÇOUGUEIRO	Mapeamentos	Alvo: CIRURGIÃO
AÇOUGUEIRO	—————→	CIRURGIÃO
CUTELO	—————→	BISTURI
CARCAÇA DO ANIMAL	—————→	PACIENTE HUMANO
DESMEMBRAMENTO	—————→	OPERAÇÃO

Fonte: EVANS; GREEN, 2006, p. 402.

Em princípio, a profissão de açougueiro reivindica aptidão para manusear os retalhos com os quais opera. De igual modo, o cirurgião precisa ser capacitado para realizar cirurgias em seus pacientes. Em ambos os casos, é necessário utilizar ferramentas para o fim cabível de cada profissão, a exemplo do cutelo e do bisturi, que executam, respectivamente, o desmembramento de uma carcaça animal e uma operação em um paciente humano. Nesse sentido, a avaliação desfavorável ao cirurgião não se encontra em nenhuma estrutura de domínios pré-existent.

A informação nova evidencia o aspecto criativo originado da informação contida nos espaços de entrada, sem que a sua emergência tenha sido diretamente copiada por qualquer um desses espaços mentais previamente abertos.

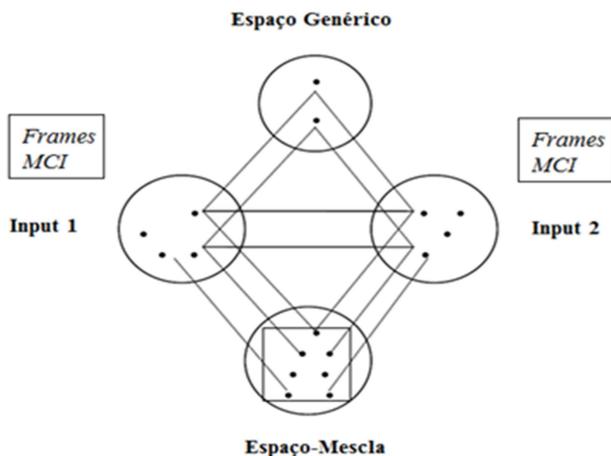
Tendo isso em vista, é possível pensar em um complexo de relações que se firmam em um sistema conceptual. Isto é, trata-se de um processamento mental básico, de ordem cognitiva, servindo como fundamento para a forma como pensam os humanos. Remete, portanto, a uma operação geral do pensamento, sendo, ainda, o elemento principal para a criação de novos significados.

Em consonância com Fauconnier e Turner (1998, p. 133), a mesclagem é passível de ser detectada em casos espetaculares, mas na maioria das ocorrências, processos cotidianos escapam à atenção, exceto quando se trata de uma análise técnica. Dessa forma, o estudo sistemático de mesclas conceptuais somente é possível graças às redes de integração conceptual arquitetadas por Fauconnier e Turner (2002), a partir das quais a interseção de diferentes domínios do conhecimento e a subsequente construção de novos sentidos passam a ser percebidas de forma estruturada.

Nessa perspectiva, a rede se organiza em, no mínimo, quatro espaços mentais interligados: um espaço genérico, que é a sustentação da rede, disponibilizando a informação contida nos *inputs*; dois *inputs*, podendo haver mais, que são os espaços de entrada responsáveis pelas projeções seletivas de seus componentes para o espaço mescla; e, por fim, o espaço mescla, para onde vão os lançamentos designados dos espaços de *input*. Nem todos os elementos dos *inputs* são enviados para esse espaço, apenas as informações que mantêm uma relação de compatibilidade.

A Estrutura Emergente da mescla é a estrutura cuja formação expõe uma característica própria, que a distingue dos *inputs* anteriores, mas que, ao mesmo tempo, carrega heranças visíveis das projeções que a precederam, como exposto no exemplo “o cirurgião é um açougueiro”. É um espaço criado para permitir a produção de novos significados a partir de elementos presentes nos espaços de *inputs*.

Figura 1 – Rede de Integração Conceptual



Convém salientar que uma rede de integração conceptual não assume uma configuração única, podendo apresentar diferentes tipos de redes de integração. Quanto a essa taxonomia, destacam-se as redes simples, as redes reflexivas, as redes de escopo único e as redes de duplo/múltiplo escopo. Além disso, as relações conceptuais que se firmam entre os espaços interligam os elementos das contrapartes de forma otimizada e imaginativa, podendo ser relações de TEMPO, ESPAÇO, REPRESENTAÇÃO, MUDANÇA, PAPEL-VALOR, ANALOGIA-DESANALOGIA, PARTE-TUDO, CAUSA-EFEITO (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Tendo isso em vista, passa-se à análise de dados relativos à nomenclatura popular para vulva, bem como os valores e crenças relativos à representação e identidade de gênero feminino na sociedade.

##### 5. *Integração Conceptual em piadas com emprego de nomes para a vulva*

Com base nos pressupostos teóricos já estabelecidos na seção precedente, analisam-se, neste item, duas piadas selecionadas via ferramenta Google a partir da perspectiva cognitivista da linguagem. Nessa fase da pesquisa, optou-se pela participação de colaboradores em grupos focais, sendo submetidos ao método leitura, alvitrado por Sardinha (2007). Os

informantes foram estudantes do primeiro período do curso de Comunicação Social de uma universidade do Rio de Janeiro. Foi pedido para que interpretassem as piadas selecionadas, com as próprias palavras, não sendo necessário se preocupar com a norma gramatical e com o teor sexual das narrativas.

Com a informação fornecida pelos grupos, elaboraram-se as redes de integração conceptual, organizadas da seguinte forma: utilizaram-se linhas contínuas ligeiramente estreitas para sinalizar a ligação entre os diversos espaços mentais, formados por círculos, caracterizando, assim, o esquema diagramático como uma rede. As linhas mais espessas foram empregadas para indicar as projeções estabelecidas entre as contrapartes dos espaços de *input*. Já as linhas tracejadas marcam as seleções lançadas para o espaço mescla, propiciando a construção de sentidos das piadas. Ressalta-se que se optou pelo uso da palavra em VERSALETE para determinar o nível conceptual da palavra tabuízada.

Apresentada a metodologia basilar de análise, analisa-se a piada de número 1.

### **Piada 1**

A mulher tinha uma perereca de estimação. Um dia a perereca morreu. A senhora ficou muito triste e disse:

– Vou embalsamar minha perereca! Mas a perereca começou a feder e ela disse:

– Eu vou jogar esta perereca fora! – e resolveu enterrar a perereca.

Botou a bichinha numa caixa de sapatos e foi para o cemitério de animais... de ônibus.

Ao entrar no ônibus, o cobrador lhe perguntou:

– O que é que tá fedendo tanto aqui que não se pode viajar?

Ela respondeu:

– É a minha perereca, moço.

Aí ele disse:

– Então vai lá pra frente, que este fedor aqui não pode, não!

Lá na frente, o motorista não aguentando mais o cheiro disse:

– A mulher que está com a perereca fedendo, queira descer, por favor...

Desceram 14 mulheres.

[http://www.sergeicartoons.com/perereca\\_18335.htm](http://www.sergeicartoons.com/perereca_18335.htm)

Conforme especificado no padrão de resposta dos informantes, o humor da piada de número 1 surge da associação do anfíbio “perereca” ao suposto mau cheiro do órgão sexual feminino. Essa transposição de sentido altera-se apenas no fim da piada, evidenciando que o cenário mental ativado inicialmente alude ao animal, e o cenário subsequente ao remate refere-se à vulva. Tendo em vista o conhecimento internalizado sobre piadas, em que naturalmente o leitor/ouvinte monitora o entendimento da narrativa jocosa, o processo de mudança de *frames* ocorre de forma simultânea. Isto é, a representação do vocábulo “perereca” em termos “vulva” é ativada e desativada de modo concomitante, em que o leitor/ouvinte pode acionar tanto o conceito de animal quanto o de órgão sexual feminino em toda a leitura da narrativa.

Deve-se ponderar que a relação estabelecida entre o animal e o órgão sexual sucede (i) da ponderação social que coíbe a menção à terminologia anatômica “vulva”, configurando-se em um tabu linguístico passível de ser contornado; e (ii) pelo conceito convencionalizado socialmente de que a genitália feminina exala mau cheiro e, por isso, pode-se associá-la ao odor do animal morto. Esse conhecimento prévio referente à proibição e à digressão de vocábulos tabuizados é ativado na última sentença, servindo de gatilho para a mudança de cenários e o estabelecimento do efeito cômico. Isso significa que, na narrativa, quando o motorista solicita a saída da mulher com a perereca fedendo (que, até então, é o animal), infere-se que as catorze mulheres entenderam que o seu próprio órgão genital cheirava mal.

Dessa forma, a rede de integração para a conceptualização da piada de número 1 dispõe, no espaço genérico, os elementos transitáveis de toda rede acerca dos domínios de ANIMAIS e de CORPO HUMANO. Além disso, organizam-se as metáforas conceptuais PESSOA É ANIMAL e CORPO HUMANO É ANIMAL que viabilizam a compreensão da piada no nível global.

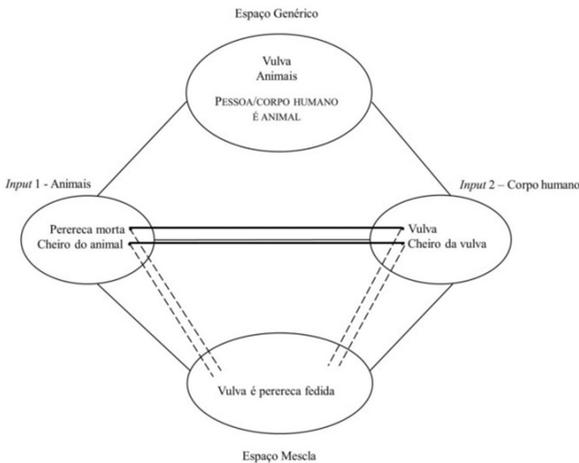
No *input* 1, ativa-se a informação decorrente da ativação do *frame* relativo ao animal, em que a informação sobre a condição do anfíbio é

acionada. No *input* 2, apresenta-se a configuração do *frame* concernente a corpo humano, apresentando a parte da estrutura corpórea que é tratada na piada: a vulva e seu odor. Nesse esse espaço, a compressão que se estabelece é ativada metonimicamente, visto que é possível identificar a parte do corpo que é projetada para o espaço mescla.

Para compor o espaço mescla, projetam-se os elementos concernentes à condição morta do animal, e à vulva, dispostos, respectivamente, nos *inputs* 1 e 2 e que estão em consonância com o conhecimento enciclopédico acionado pelo leitor/ouvinte de que o vocábulo “perereca” remete à genitália feminina em função do mau odor. Essa configuração remonta uma rede de integração de escopo duplo, uma vez que os dois espaços de entrada propiciam a constituição da mescla.

Com base nas relações apontadas, convém pontuar que o complexo de relações que subjazem ao entendimento da piada, deve-se, em grande escala, à metáfora PARTE DO CORPO HUMANO É ANIMAL, já convencionalizada, que, em decorrência do uso frequente, é utilizada de forma inconsciente e natural. Desse modo, ratifica-se a ideia de que ANIMAL (juntamente com OBJETO) é tido como um dos domínios-fonte mais empregados por parte dos falantes (BERNARDO, 2016), configurando metáforas convencionais. No caso da piada de número 1, ANIMAL figura o domínio-fonte, de natureza concreta, que constitui a sustentação experiencial, de natureza abstrata, do domínio alvo PARTE DO CORPO HUMANO.

Figura 2 – Rede de Integração Conceptual: Piada 1.



Posto isso, afirma-se que a mudança de *frames* ao fim da piada evoca a relação vital PARTE-TODO, em que se identifica a vulva como a PARTE do corpo humano (TODO) arquitetada, na piada, para a constituição do humor. Além disso, o processamento da mesclagem envolve a relação vital de REPRESENTAÇÃO, comprimida no espaço mescla em SINGULARIDADE, uma vez que o entendimento que se tem sobre a vulva é representado por meio do vocábulo “perereca”. Por ANALOGIA, comprimida na mescla por IDENTIDADE, associa-se o mau cheiro do anfíbio morto ao suposto mau cheiro da genitália das mulheres; e por meio da relação de DESANALOGIA descomprime-se a ideia de que “perereca” se trata do anfíbio, passando a retratar a vulva.

### Piada 2

Como é conhecida a profissão do médico ginecologista em Portugal?

Espião da casa do caralho.

<http://www.osvigaristas.com.br/charadas/portugues/>

A piada de número 2 configura-se como uma charada que visa à identificação de como é conhecida a profissão do médico ginecologista em Portugal, que é ser um “espião da casa do caralho”. Embora os informantes, de uma maneira geral, não tenham acessado à tradicional rivalidade em piadas, por supremacia nacional, existente entre determinados países (como em Brasil e Portugal, Brasil e Argentina, Estados Unidos e Inglaterra, etc.), convém destacar que é possível haver outra interpretação em que essa informação torna-se presente. Assim sendo, outra configuração de rede para a conceptualização seria constituída para a representação da piada.

Para o entendimento da piada2, o conceptualizador aciona, inicialmente, o MCI organizacional de consultas médicas no qual atua o médico ginecologista. Como se sabe, o tratamento direcionado à genitália feminina, incluindo-se sua fisiologia e suas doenças, é a especialidade do profissional que opera no campo da ginecologia. Com base nesse conhecimento, ativa-se o cenário preliminar no qual se idealiza um ofício profissional e suas atribuições subjacentes. Esse enquadre é atenuado por meio da resposta da charada, a qual motiva a mudança de frames, propulsora da nova significação.

Para a composição da rede de integração conceptual da piada de número 2, disponibilizam-se, no espaço genérico, as entidades concernentes às profissões aludidas na piada do ginecologista e do espião. Além de evidenciar o ato sexual que subjaz ao entendimento da piada e a metáfora do pensamento vulva é receptáculo do pênis, a qual estrutura as metáforas linguísticas em que a vulva é vista em termos de objeto recipiente (nesse caso, do pênis).

A base estável do conhecimento a partir da qual essa ideia se desenvolve está ligada ao esquema imagético de contêiner, que origina tipos significados mais abstratos. Por conta dessa experiência sensorio-motora, existem nomes para a vulva como “a casa de todos os pintos, abocanha-caralho, agasalhador de croquete, área vip, caixa dos prazeres” etc. Todas essas conceptualizações de vulva podem ser consideradas especificações da metáfora convencional corpo é objeto (contêiner).

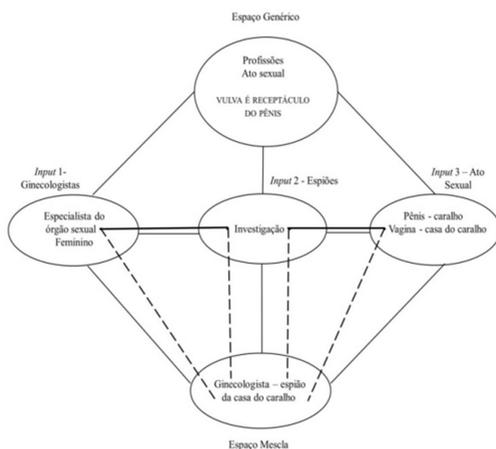
Embora se trate de uma piada curta, o processamento da mesclagem envolve mapeamentos e projeções complexas e imaginativas que estabelecem em torno de três espaços de entrada abertos de forma dinâmica. Nessa relação mental, os espaços de input 1 e 2, fundamentados no frame comum de profissões, ativam, respectivamente, o conhecimento dos ofícios do ginecologista e do espião, evidenciados na narrativa. No input 3, aciona-se o frame relativo a ato sexual, apresentando o pênis como “caralho” e a vagina como “casa do caralho”. A informação abarcada nesse espaço mental fundamenta-se no conceito internalizado socialmente de que as genitálias feminina e masculina são objetos restritos por tabus morais e, assim sendo, suas designações linguísticas são passíveis de serem contornadas por alternativas vocabulares. Dessa forma, o nome metafórico e imaginativo dado à vagina<sup>1</sup> é concebido por meio de vinculações de estruturas estabelecidas por analogia. Em outras palavras, as experiências corpóreas com recipientes permitem associar o órgão sexual feminino a um contêiner que, nesse caso, embasa a designação “casa do caralho”, local onde o pênis pode entrar.

---

<sup>81</sup> Para a composição do *input 3* da rede de integração conceptual da piada de número 2, optou-se pela terminologia “vagina” em detrimento do termo “vulva”, como nas demais redes. A resolução pautou-se nas respostas dos informantes em que foi possível observar a utilização majoritária do vocábulo “vagina”. Acredita-se que a prevalência do termo esteja em consonância com o MCI organizacional de consultas médicas, tendo em vista o modo como o profissional ginecologista reporta o seu objeto de atuação de forma cientificamente normatizada. Infere-se que o acionamento de rotinas cognitivas em relação às experiências com os profissionais da área da saúde seja o fundamento para uso da referida designação.

No espaço mescla, dispõem-se os elementos que compõem o ápice da narrativa, contendo a significação nova atingida por meio das projeções de entidades dos espaços de input. Para compor esse espaço, processa-se a relação vital de desanalogia, comprimida no espaço interior como mudança, em que se converte a noção geral de “espião” para a ideia de um observador a quem é atribuída permissão para examinar, de forma objetiva, as características próprias da genitália feminina. Dessa alteração de cenários, infere-se que o humor surge no acionamento da ideia de que o ginecologista não é propriamente a pessoa que tem acesso consentido à vulva cotidianamente. Ao contrário disso, ele é um espião porque “bisbilhota” o que “não lhe pertence”. Além disso, por meio da representação, a vulva é retratada como a “casa do caralho” ou “a casa do pênis, conferindo-lhe o significado de “estância do pênis”, isto é, o local onde o pênis reside.

Figura 3 – Rede de Integração Conceptual: Piada 2.



Tendo em vista a diagramação das relações conceptuais da piada de número 2, percebe-se que apesar da relação de tabu que subjaz à criação da piada, o humor é passível de se estabelecer dada a justaposição de estruturas distintas por meio de uma comparação esdrúxula. Nesse prisma, o gatilho para o acionamento do frame relativo a órgão sexual feminino está no conhecimento sobre a atividade idônea do médico ginecologista e no seu objeto de atuação, ambos ressignificados. Isto é, a integração de conceitos, alicerçada na mudança de frames e na reanálise pragmática,

fundamenta um novo significado na piada, em que o ginecologista é o alcoviteiro do local por onde o pênis pode transitar: a vagina.

Concluída a análise das piadas, passa-se à conclusão deste estudo.

## **6. Considerações Finais**

Este estudo apresentou uma análise semântico-cognitiva da conceptualização de piadas que promovem acesso a nomes populares dados a órgãos sexuais. Para tanto, recorreu-se ao arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, traçando um paralelo com a abordagem feminista da concepção de gênero.

A hipótese preliminar para esta análise pautou-se na ideia de que existe uma restrição vocabular de cunho moral que impede a circulação de determinados nomes para partes do corpo humano, especificamente das áreas erógenas, como a vulva e o pênis. Em consequência disso, a terminologia anatômica de órgãos sexuais passa a ser considerada um tabu linguístico e, por assim ser, os falantes criam estratégias para contornar a forma linguística ligada às partes erógenas. Isso ocorre por meio de comparações esdrúxulas, responsáveis pela risibilidade nas piadas analisadas e, também, nos nomes quando analisados isoladamente.

Sob essa perspectiva, observou-se que a integração conceptual é um fenômeno mental que conecta diversos processos cognitivos que propiciam a habilidade humana de se contornar o tabu de forma criativa. Trata-se de um processamento mental que leva em conta, preferencialmente, as relações vitais de (i) REPRESENTAÇÃO, tendo em vista a relação de uma entidade que representa o órgão sexual; e de (ii) ANALOGIA, uma vez que a produção da nova significação enquadra as identidades das estruturas precedentes e, por conta disso, são análogas. Outras relações, como as de CAUSA-EFEITO, DESANALOGIA, PAPEL-VALOR e PARTE-TODO atuam majoritariamente no âmbito discursivo-pragmático, isto é, em decorrência de produções contextuais nas quais as designações se inserem.

Considerando-se os resultados obtidos, ratifica-se o entendimento sobre o processamento da mesclagem conceptual como propulsora de diversos domínios cognitivos responsáveis por revelar o pensamento criativo para o desvio de tabu linguístico. No caso dos dados, reitera-se a necessidade de se observar tais fenômenos da linguagem, revelados da experiência humana e das problematizações em torno de práticas de linguísticas quando normatizadas com preconceito inserido. A aceitação dos

nomes às partes erógenas do corpo humano, interditados por tabu, é possível graças às designações criativas e jocosas propiciadas pelos fenômenos mentais da metáfora e da integração conceituais. São nomes que provocam a risibilidade, embora exponham, ao mesmo tempo, uma sociedade patriarcal e preconceituosa que minimiza a figura da mulher em detrimento da representação do homem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, S. Metáfora e metonímia em expressões cotidianas. In: ALVARO, P.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016. p. 157-175

EVANS, V; GREEN, M. *Cognitive Linguistics, an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_; TURNER, M. Conceptual Integration Networks. In: *Cognitive science*, v. 22, 1998. p. 133-187.

\_\_\_\_\_. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FREITAS, Patrícia Oliveira de. *Mesclagem conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de órgãos sexuais*. 2017. 122 f. Dissertação de Mestrado em Linguísticas (Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

GEERAERTS, D., ed. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2006.

\_\_\_\_\_; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, R; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford University Press, 2007. p. 351-376

GUÉRIOS, R. *Tabus lingüísticos*. 2. ed. Nacional. Curitiba: UFPR, 1979.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. New York: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Language, Mind and Culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University Chicago Press, 1980.

MILLER, Patrícia; SHOLNICK, Ellin. *Toward a feminist developmental psychology*. New York: Routledge, 2000.

OS VIGARISTAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.osvigaristas.com.br/charadas/portugues/>>. Acesso em: 28/08/2018.

SANTOS, Rita de Cássia. O patriarcado metamórfico e o conceito de gênero. In: *II Seminário Nacional O Feminismo no Brasil, Reflexões Teóricas e Perspectivas e XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre a Mulher e Relações de Gênero*, Salvador, 2008.

SARDINHA, Tony Beber. *Metáforas*. São Paulo: Parábola, 2007.

SERGEI CARTOONS. Site de conteúdo humorístico. <[http://www.sergeicartoons.com/perereca\\_18335.htm](http://www.sergeicartoons.com/perereca_18335.htm)>. Acesso em: 28/08/2018.

ULLMANN, S. Semantic universals. In: GREENBERG, J. *Universals in language*. Massachusetts: MIT Press, 1966.